

[Entrevistador] [fala simultânea] A câmera gravando assim, ok? Todo mundo em silêncio. 3, 2, 1. Boa tarde. [fala simultânea] Boa tarde. Eu me chamo Ana Laura. Sim. E eu sou Ana Lira. Nós somos alunos da Escola Johnson e a gente está aqui para entrevistar o senhor para saber sobre o seu artesanato.

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Sim.

[Entrevistador] Há quantos anos o senhor trabalha com artesanato?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] 18 anos.

[Ana Lira] Quem te ensinou ou como o senhor aprendeu essa prática?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Olha, eu trabalhava no ramo de jardim, eu morava na Aldeiota. Eu morei 20 anos na Aldeiota, eu trabalhava com jardim e eu vendia planta na Praça de Portugal naquele tempo, nos anos 40, nos anos 80, né? E eu... Era muito perigoso aqui, não tinha quem quisesse morar aqui não, era muito perigoso para andar de bicicleta, com o calçamento muito ruim, o táxi de noite, não queria vir. Mas nós tínhamos essa casa aqui, né? Aí botei uma pessoa para morar. Quando eu me casei, vim morar aqui. Aí abaronei o serviço de jardinagem lá na Aldeiota. Aquele pessoal começou a fazer curso de jardinagem sem ter experiência nenhuma. O pessoal, sabe? Então entrando no comércio de trabalho, aí começou a atrapalhar, complicar, né? Ele não tinha experiência, estava fazendo de uma e duas, três vezes o pagamento. Mas como eu trabalhava só com Jardim Grande, Jardim Mané Holanda, só aquele Jardim Grande, eu tinha 40 clientes, só de Jardim Grande, nós éramos seis pessoas trabalhando, mas era um movimento de bicicleta para lá e para cá, e era muito perigoso, os ônibus ali no Iguatemi ficavam tirando fino na gente. A minha mulher, muito católica, muito religiosa, pedia a Nossa Senhora arranjar um trabalho, de eu ficar em casa, evitar um acidente, uma tragédia. Aí... Eu trabalhando num sítio lá, em Pacajus, eu comecei a tirar esse pó de fogo. Fazia arranjos, dá muita coisa esse pó de fogo, sabe? É produto de cascavel. Aí comecei a inventar uma gambiarra. O cliente meu, 16 anos que eu trabalhava, chamou e disse, que gambiarra é essa? Aí eu dei as contas dele. Trabalhei 16 anos. Por causa dessa piada, você trabalha na diária 5 mil reais. Aí tomando conta de casa dele aqui, jardim, sítio, lá em Pacaju, fiz campo de futebol. Aí eu inventei essa coisa de Deus. Aí eu trouxe um bocado

desse pó de lá. Que gambiarra é essa? Eu disse, é uma gambiarra. A gambiarra pegou, né? Aí eu dei as contas dele. Aí... Deixei, ele implicou, mas de eu voltar a trabalhar com ele dá mais não, eu estou ganhando dinheirinho. Eu sou do tempo do Jacaúna, eu aprendi muita coisa com o Jacaúna, arranjou muito trabalho, jardim para mim, né? E o Jacaúna disse, agora, depois de velho, tu passou a ganhar, aprendeu a ganhar dinheiro, né? Porque naquele tempo era muito fraco, né? Aí tinha aposentadoria, não tinha nada, e graças a Deus estou aqui, né? Muito cliente para trás. Eu tenho algo ali do que eu fiz para trás. Aqui é carrado de madeira, a prefeitura trazia. Cada hora que eu olhava, eu via alguma coisa diferente. E eu fazia. Tem foto. Sei onde estão as peças. Em Guaramiranga, aquelas peças bonitas, bancadeira, mesa. Peça aleijada. Aleijada é quando a gente vê uma peça dessa aqui, sabe? Olha, aqui eu tenho uma peça aleijada, sabe? Dá forma diferente. Isso aqui... Olha, isso aqui... Isso aqui é uma peça, sabe? E tá aí. Quando chega madeira, aparece madeira, eu vejo o que é que vai dar e eu vou fazer. E assim, todo dia, quase todo dia, a gente inventa coisa diferente, né? E tem com medo, mas está fraco. Essa época está muito fraca. Eu fiquei dois meses parado, os portões fechados, né? Mas está voltando, o pessoal está voltando de novo. Daqui para o fim do ano, até dezembro, a gente vende.

[Entrevistador] Existe alguma história ou memória marcante? Existe alguma história ou memória marcante ligada ao seu ofício?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] O meu trabalho? Sim. A história que eu... Eu trabalhei lá independente, encontrei um dinossauro do tamanho de um touro, um tronco de árvore com 150 anos. As árvores, quando ficam velhas demais, elas se lascam e se transformam em animal. Isso é uma lenda que não tem, não tem quem faça não, é coisa do interior, que a gente encontra lá no interior, longe daqui, sabe? Porque perto tá todo mundo se cascaviando, passa o rodo em tudo, mas lá, quinhentos quilômetros daqui de Fortaleza, se eu entrar numa mata, pra onde eu olho, eu tô vendo coisa diferente. E trouxe, colocou aqui, é isso. A peça de, essa peça lá, ela é um tronco, com cento e cinquenta anos, quatro patos, tamanho de um touro, pesa mil quilos. Aí o dono perguntou, seu Chico, o que é isso aqui? Dá para fazer uma peça? Dá. Era um dinossauro, um dragão, um camelo. Ele queria que eu fizesse lá, mas o assunto era Cascavel. Deus me defenda. Pois ele trouxe para cá no caminhão dele. Chegou aqui de madrugada me chamando. Coloquei aí. Eu fui tratar da peça. Fui só tratar, não fiz nada. Limpei, envernizei. A peça mais importante minha foi essa. Ele já tinha me comprado um jacaré. Está lá na fazenda. Daqui mesmo, sabe? A árvore forma jacaré. Eu terminei. Aí esse tronco veio para cá, eu arrumei. Está lá na fazenda. Enrentou 5 mil dólares. Do

americano, né? Aqui já deu leão. Eu tinha um leão aí na calçada. Não vendia. Eu parti ele. Fiz umas mesas lá. Está o resto da cara dele aqui lá. Está bem por aqui. É uma bandeja da cara do leão.

[Entrevistador] [fala simultânea] Seu Francisco, eu vou pedir para o senhor não levantar, senão a gente perde a imagem aqui, tá bom? Quando o senhor vê uma peça, o que o senhor acha que vai sair? Quando o senhor vê uma árvore, o que o senhor acha que vai sair?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Olha, depende do molde, eu conheço logo o que é. Esse tronco aí, esse cavalo aí, foi dessa casa, tinha uma girafinha que eu já vendi, e esse daí, quatro patas, todo original, está aí. Quando eu vou no cajueiro, é a árvore que dá mais decoração. Só que não presta para trabalhar, porque dá muito cajueiro, mangueira, não presta para nada. Tem gente que usa para enganar o povo. Uma mangueira assim, eles partem, tiram aquelas pranchas do meio, botam para secar e dão um trato e enganam o povo. Vende mesa de 20 mil. 30 mil, ele bota resina, mesa cascata. A mesa cascata vem de fora, da Amazônia, e aqui eles estão fazendo isso. Quando pegam uma mangueira bem grossona, eles partem, trabalham a madeira pra ser dessa grossura, com 10 centímetros. Aí engana o pessoal. Um rapaz de um buffet aí foi enganado. Ia comprar uma mesa de alcaípto aqui por 6 mil, Comprou uma lá no Aquiraz por R\$16,00. Mangueira. Depois vem e mostra. Você comprou uma mangueira. Está aí, coberta, mas não presta. Entra água, encharca. E cajueira também, não presta também não.

[Entrevistador] Seu Francisco, a história lá das árvores que o senhor vê bichos lá na escola, na Johnson, como é?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Da escola da Johnson? Tem um elefante aí nessa mangueira da Johnson, olha. Se eu pudesse tirar o meio da cabeça dele, eu tirava, sabe? Olha. A cabeça, a tromba dele jogada assim, sabe? Perfeito. Se eu apontar, pode vir dois, três, quatro que... Só quem disse que eu estou ficando doido, mas quem enxerga mesmo... Porque tem muita gente que enxerga também, que nem eu. Os arquitetos chegam aqui, quem foi que mandou fazer isso? Eu digo lá de cima. Tem um revólver bem aí, na parede aí, um 38. Acabou que chega e está aí. Está aí do lado aí, é de madeira, viu? Do outro lado aí na calçada.

[Entrevistador] Como o senhor imagina o futuro?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Olha aqui. Isso é um Bentivi, né? É, o Bentivi. Aqui, a peça mais pequena que eu tenho, essa aqui é uma pombinha. Eu vou contar uma história para vocês. Lá na fazenda onde tem esse dinossauro que eu vendi, Eu vendi não, o cara me pagou o trabalho. Teve uma festa muito grande na fazenda lá, contrataram duas bandas, o dono, o safoneiro era dono de um programa na rádio lá de Tapajé, aí eu levei essa pombinha, né, na minha mala, minha roupa, eu fiquei duas semanas lá, umas quatro pessoas fazendo barraca, foi uma festa muito importante, toda gravada, e... E eu fiquei com a senhora lá, tem o palanque lá, as barracas de madeira tampada com sojo, né? Aí o homem contratou um veado para se requebrar na barraca, na lua cheia, né? Só tinha uma luz na barraca do veado. Paçoca, o tiragosto. cerveja, 50 graus de cerveja, 10 de cachaça, uísque. Veio gente de todo canto dos Estados Unidos, que ele é empresário, ele trabalha no ramo de Tecido, ele compra fazenda de fora. Ele toda semana vinha pra cá, só que ele quebrou o mócotó, o carro deu uma ré, ele caiu, quebrou o mócotó, toda semana ele tava aqui. Trazia história, novidade de fora, da união de viagem, né? Mandava fazer as coisas a placa, o contrário, né? Quando eu chegava lá, tinha muita gente me esperando, mas eu ia conversar, contar as histórias daqui, e eu ia ouvir as milagres, até pra contar aqui, histórias mentirosas, né? Aí, é isso aí, né? E lá, e tá lá, o jacaré e o elefante, tudo assim. Aí, quando era 10 horas da noite, eu vestia minha roupa, me arrumava todinha, porque eu tenho roupa boa, tem relógio, tem tudo. Coisa, quando eu era pequeno, não tinha roupa, não tinha nada. Eu vivia na roça. A minha mãe dizia, meu filho tenha paciência, que você quando crescer vai ter tudo. E palavra de mãe não se perde. Hoje em dia eu tenho tudo. Tenho três, quatro, cinco, seis relógios. Roupa, sapato, coisa que eu não tinha. Estou dando a roupa para o povo. Eu engordei muito, sabe? Eu tenho um filho aí, Sobral. Da primeiro xodó que eu tive, ele tem 50 anos, trabalhador. Minhas roupas eu dou para ele novo, eu compro. E não dá em mim, nova, nova, nova, aí eu dou pra ele. Aí, eu chamei o amigo lá, que era veterinário, disse, esse homem é repentista mesmo, leva essa pombinha, meu nome é Francisco Artesão. Aí ele foi por longe, e eu, pô, esse aqui é o artesão, fez tu fazer o mote. Aí ele botou a pombinha, ninguém via, era de longe, na lua, né? Ele botou na palma da mão, assim ninguém via. Aí ele disse, é na palma da mão, é na palma da mão, que seu Francisco Rodrigues faz uma pomba na mão, agora vem os convidados a olhar a pomba na mão, vem, vem, vem, aí o pessoal vem, quando cheirar com essas máquinas de fazer foto, né? Pelo amor, quem é que faz essas coisas? Eu lá por fora, que eu não gosto muito de gente rica, eu gosto de ganhar dinheiro do rico,

mas sou muito encabulado de meter no meio de gente rica, eu não gosto não. Aterna, babam com o meu pescoço, me babam muito por aí, mas eu não gosto não, não gosto de conversar não, é boa, né? Aí o pessoal, todo mundo admirado, onde é que o senhor mora? Mora em Fortaleza, vamos ver o que ele faz, pia de madeira daqueles tronco de árvores do Cerrado. Menina, eu fiz tanta coisa lá e o final foi esse dinossauro que veio lá e eu acabei de fazer. Estavam essas peças guardadas. Tem duas festas por ano lá, é no carnaval e a festa de Santa Santana lá, né? E é isso. E assim continua. Tem um lá que mora em São Paulo, que mora na Praia da Samba e comprou muita coisa aqui. O apartamento dele na Udeuta, ele encheu só de coisa daqui. Olha, estante, mesa de raiz, aquelas mesas de raiz. A gente arranca a árvore. A pessoa arranca a árvore e eu vou lá, aproveito e faço a mesa. Mas é lindo, lindo, lindo. Todo mundo quer comprar porque dá muito trabalho. E assim, ele não veio mais porque ele... Esse São Paulo traz ferramenta para mim, né? Não compra porque não cabe mais, mas é gente boa mesmo, me ajudou muito. Fiz um bocado de peças para Santa Catarina. Eu fiz 150 peças para o senhor de Santa Catarina para ele fazer uma cafeteria, né? Ele ficou dois anos aqui em Fortaleza e não deu certo. Ela vizinha o presídio. Aí muito asfalto. Aí ele desistiu. Levou tudo de volta para lá. Mesa, cadeira. Eu fiz 25. Eu fiz 150 peças diferentes, sabe? Tem umas cadeiras ali que eu fiz de madeira rústica muito bonita, sabe? Ainda tem umas ali. Aí ele foi embora, vendeu alguma parte e assim por diante. Tem um gringo também, da Bélgica, levou muita coisa daqui também. Eu tinha um... Tinha um leão aí, ele comprou e deu para o americano botar na chácara dele, levou esses dormentes. Essa madeira é dormente. A gente parte do meio, um dormente desse dá três bandas. A gente faz meses de dormente. Essa madeira tem 200 anos.

[Entrevistador] Seu Francisco, vamos finalizar agora? [fala simultânea] Ela vai fazer a última pergunta para a gente finalizar rapidamente, certo?

[Entrevistador] O senhor quer deixar uma mensagem para gerações futuras que trabalham com artesanato?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Como é que é?

[Ana Lira] O senhor quer deixar uma mensagem para as gerações futuras que trabalham com artesanato?

[Francisco Rodrigo de Oliveira] Eu digo para o pessoal que gosta de artesanato, gosta dessas peças rústicas, venham aqui, me procurem, que nós estamos aqui. O preço aqui é bom. Essa semana próxima vamos para a Câmara dos Vereadores, ali, porque... ou vai haver uma feira todos os começo de mês, sexta, sábado e domingo. Aí vieram aqui, eu já tenho meu MEI há 18 anos, né? Eu pago muito imposto aqui, né? Esse barulho, botou certo, tem a varada, tem tudo, né? E eu pago agora, cadastrei para vender. Se eu quiser vender ali, eu vou levar muito, um bocado de coisa pequena, né? Aí qualquer feira, eu tenho direito a 13... produto, sabe, fora do meu, que eu quero vender. Isso aqui é meu, eu vou ajeitar isso aqui, que essas madeiras eu guardei desde o Covid. Isso aqui não tem jogado, é muito difícil, porque a prefeitura não está cortando nada, está só podando. E eu aproveitei daquele tempo, guardei, e daqui eu tiro uma peça, faço uma peça. Se eu não tiver isso aqui, não tem, onde é que eu vou atrair isso? Aí o pessoal, o seu Francisco quer isso, é meu trabalho. E é isso aí. Pois é, eu aviso quem quiser olhar coisa diferente, mandar, se você tem uma foto, se a pessoa quer uma foto diferente, que viu no outro canto, pode vir aqui e a gente arruma com todo prazer. Meu nome é Francisco, eu aprendi a trabalhar, sabe? Quem não gostar de mim, eu disse na televisão, em uma reportagem, tá com a cara na parede, como lá, até rachar. Meu primo ligou de Guarauí, rapaz, como é que tu manda o pessoal? É, porque...